

**UNIVERSIDADE EDUARDO MODLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIENCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Curso de Licenciatura em Antropologia

“ Homossexualidade: Processos e Etapas da Auto-afirmação da Identidade Homossexual Masculina na Cidade de Maputo”

Trabalho de Culminação de Estudos, submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito principal para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

Supervisanda: Sara José Machava

Supervisor: Dr. Danúbio Lihaha

Maputo, Agosto de 2013

Homossexualidade: Processos e etapas de Auto Afirmação da Identidade Homossexual na Cidade de Maputo- Caso dos membros associados a Associação lambda.

Trabalho de Fim de Curso, apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Arqueologia e Antropologia

Supervisionada

Sara José Machava

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Agosto de 2013

Dedicatória

A minha dedicatória é direccionada em primeiro lugar á Deus, a minha família no geral, mas em Particular a minha mãe, e a todos aqueles que, directas ou indirectamente, comigo colaboraram, a fim de que se tornasse possível a elaboração do presente trabalho.

Agradecimentos

Desde o início desta minha jornada contei com a colaboração, confiança e o apoio de inúmeras pessoas. Sem as quais esta investigação não teria sido possível.

Ao meu supervisor Dr. Danúbio Lihaha, meus sinceros agradecimentos, pela disponibilidade, atenção, paciência, dedicação e profissionalismo. Acima de tudo, obrigada por me continuar a acompanhar nesta jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida académica... Um Muito Obrigado.

Ao Dr. Dário Sousa, pela disponibilidade, ajuda, incentivo, compreensão e encorajamento, durante todo este período.

Sou muito grata, a todos os meus familiares pelo incentivo recebido ao longo destes 4 anos. À, minha mãe em particular, minhas irmãs, e em especial ao meu sobrinho pela paciência e pelo auxílio.

Aos colaboradores da Associação Lambda, que foram os pilares na cedência de dados relevantes para a realização da presente pesquisa.

Aos meus colegas de curso, pelos momentos de aprendizagem, entusiasmos, frustrações, lamentações que, juntos partilhamos nesta caminhada de 4anos.

O meu sincero obrigado ao Director do Curso Dr. Emídio Gune, e a toda equipe de docentes que marcaram, ajudaram positivamente nesta minha caminhada, e que contribuíram para a concretização deste trabalho, estimulando-me intelectual e emocionalmente, em especial, o Dr. Emídio Gune, Dr. Adriano Biza, Dr Helder Nhamase, Dr. Agostinho Manganhela, Dr. Carla Braga, Dr. José Teixeira, sem me esquecer dos demais, os meus mais sinceros agradecimentos.

Declaração de honra

Declaro que este trabalho de Culminação do fim de curso nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de grau de licenciatura em Antropologia e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Assinatura

Sara José Machava

Maputo, Agosto de 2013

ÍNDICE

1. Introdução	3
1.2. Pertinência do presente estudo para Antropologia	5
1.2. Objectivos.....	6
1.2.1.Objectivos específicos	6
1.3. Hipótese.....	6
1.4. Problemática.....	7
1.5. Orientação metodológica.....	8
2. Conceptualização	10
2.1. Categorização dos Homossexuais Masculinos.....	12
2.2.Estado de arte	13
2.3. Enquadramento Teórico Conceptual	15
2.4. Limitações desta pesquisa	16
2.5 Desafios de estudar a homossexualidade	17
3.Apresentação e Discussão dos Resultados.....	19
3.1. Apresentação da Associação	19
3.2. A homossexualidade na Cidade de Maputo	19
3.3. Quem são e como se definem.....	22
3.4. Construindo a Identidade	24
3.5. Relacionando-se com os Parentes	28
3.6. Como são vistos pelos demais nos espaços de socialização	30
3.7. Saindo do Armário	31
3.8. Processos de Auto-afirmação dos homossexuais	34
4. Homossexualidade tem cura	35
5.Considerações Finais	37
6. Referências bibliográficas.....	39

Resumo

O presente trabalho aborda a questão da homossexualidade, na vertente dos homens que fazem sexo com outros homens. Pretendo analisar os percursos por estes percorridos até se auto afirmar homossexuais.

Para a elaboração do mesmo tive como base o método qualitativo onde procuro analisar as interações- interpessoais a partir de um conjunto de significações que os indivíduos atribuem aos seus actos. Este método pressupõe o estudo dos significados, motivações, aspirações atitudes crenças e valores que se expressam através de discurso na vida quotidiana.

Meu enfoque foi analisar os processos do auto afirmação da homossexualidade masculina na cidade de Maputo, com especial enfoque aos membros da associação Lambda.

De acordo com os resultados obtidos, constata-se que são varias, e diversificadas os, percursos que os indivíduos percorrem até se afirmar como homossexuais. Essas etapas dependem de individuo para individuo de acordo com o meio social em que eles vivem.

Existem “ caminhos ” que independentemente dos aspectos e trajetórias individuais os indivíduos partilham na busca de estratégias para, aceitarem a sua orientação sexual e se afirmar homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade, Estigma, Orientação sexual, Interação social

1.Introdução

O presente estudo enquadra-se nos fenómenos ligados à sexualidade na vertente da homossexualidade Masculina 1 (homens que fazem sexo com outros homens), é um trabalho de Culminação de fim de curso, para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia. Têm como tema: “ Homossexualidade: Processos e Etapas da Auto-afirmação da Identidade Homossexual Masculina na Cidade de Maputo.

Existem mais de 70 teorias tentando explicar porque certos homens têm atracção por homens, e certas mulheres por mulheres. Alguns pesquisadores dizem que o homossexualismo é genético, outros que é causado por mal funcionamento glandular, outros garantem que é produto de desequilíbrios psicossociais dentro da família, ou que o hipotálamo dos homossexuais masculinos é igual ao das mulheres, e outras mais teorias. Nenhuma teoria é conclusiva, todas se contradizem e são insuficientes para justificar a origem ou a causa deste fenómeno.

Esta abordagem contextualiza o mundo da homossexualidade masculina, que valoriza e define um certo padrão de comportamento sexual. Onde pretende-se analisar os processos de auto afirmação da homossexualidade masculina na cidade de Maputo, procurando descrever, analisar e compreender quais os mecanismos, que adoptam os homens que fazem sexo com outros homens para se auto afirmar homossexuais, procurando demonstrar como os homossexuais vê e processam as reacções vindas da sociedade. Pretende-se ainda explicar como os indivíduos se descobriram-se homossexuais, quando e como eles começam a renunciar a sua heterossexualidade, quais os desafios e dificuldades por eles enfrentados, a nível familiar, rede de amigos e espaços de sociabilidade.

O presente estudo, procura analisar, estratégias, e os diversos percursos percorridos pelos homens que fazem sexo com outros homens para afirmar a sua identidade a partir da sua orientação sexual. O estudo restringe-se a cidade de Maputo, embora encontramos este fenómeno em todos os cantos do mundo e em todas as províncias de Moçambique.

Falar sobre a homossexualidade nos remete a análises sobre como ao longo do tempo questões do envolvimento sexual entre indivíduos do mesmo sexo foram entendidas e foram tratadas nas diferentes épocas e em todos cantos do mundo.

É importante realçar que a homossexualidade é bastante antiga, assume e assumiu diferentes posicionamentos ao longo da história da humanidade. Embora, nos dias de hoje, verificamos

um tratamento preconceituoso, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças agressões físicas ou verbais aos homossexuais, e por conta disso, os homossexuais, vêm-se “obrigadas” a ocultar a sua orientação sexual, e em outros casos procuram mecanismos para se auto-afirmarem homossexuais, aprendendo a lidar com as mais diversas formas de reacções da sociedade.

Segundo Fry e Macroy (1991) “A homossexualidade é preferência nas relações sexuais e afectivas entre pessoas do mesmo sexo (pessoas do sexo masculino com pessoas do sexo masculino ou pessoas do sexo feminino com pessoas do sexo feminino).

Para Rodrigues (2004:43) citado por Prata (2007) “A homossexualidade sempre acompanhou a história da humanidade, havendo registo desta orientação sexual até mesmo entre os ” povos selvagens” e, na natureza, entre os animais”. A homossexualidade não é uma realidade recente, mais sim data de séculos Antes de Cristo. E neste contexto pretende-se fazer um estudo sobre a homossexualidade masculina na cidade de Maputo, especificamente na Associação Lambda pois, está, congrega grande número de homossexual, e trabalha na defesa das minorias sexuais. E por esta ser e a única Associação em Moçambique que está totalmente centrada em assuntos relacionados a homossexualidade.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma, numa primeira fase temos a introdução, onde traz-se um breve resumo do que pretende-se abordar ao longo do trabalho, de seguida à contextualização, onde temos o problema que se pretende abordar, mais adiante as teorias que bordam sobre o problema em causa, depois a metodologia usada para a elaboração do trabalho, mais por diante traz-se os resultados obtidos no terreno, e por fim a conclusão.

O trabalho estará organizado em sete capítulos, onde no primeiro capítulo temos a introdução onde traz-se a informação do que se pretende abordar, á introdução aborda questões tais como, a Pertinência do presente estudo para Antropologia, os objectivos do trabalho, dentro dos objectivos, encontraremos os objectivos gerais e específicos, as hipótese do problema em causa, a sua problemática, Orientação metodológica, onde aborda-se sobre à metodologia usada para a realização da presente dissertação, teremos a apresentação da associação LAMBDA, e as limitações da pesquisa.

No segundo capítulo traz-se a conceptualização, categorização dos homossexuais masculinos, o estado de arte, o enquadramento teórico conceptual e as limitações da pesquisa.

No capítulo três faz-se a apresentação e discussão dos resultados, onde apresenta-se a Associação, aborda-se sobre a homossexualidade na cidade de Maputo, quem são os homossexuais e como eles se definem, como eles constroem a identidade, como é que se relacionam com os parentes, como são vistos pelos membros da sociedade nos espaços de socialização, e como se auto- afirma homossexuais. O quarto capítulo aborda, sobre os desafios encontrados ao se estudar o fenómeno homossexualidade. No quinto capítulo levanta-se a questão da possível cura da homossexualidade. Por fim temos as considerações finais, e a bibliografia.

1.2. Pertinência do presente estudo para Antropologia

A homossexualidade é um tema muito debatido em todos os fóruns sociais em quase todo mundo. Este tema tem levantado muita polémica, questionamentos e diferentes posicionamentos no seio da sociedade Moçambicana e no mundo em geral.

O tema sobre a sexualidade dos indivíduos, ganhou, e ganha um lugar de destaque não só na sociedade, como no campo da antropologia da saúde, e mais recentemente na antropologia sobre género e sexualidade. Sendo assim a antropologia não se furta à discussão desta temática, daí este tema uma grande primazia.

Apesar de que, nestes últimos anos, estar-se a realizar, alguns estudos sobre a homossexualidade em Moçambique em particular na Cidade de Maputo, com especial enfoque á estudos produzidos por organizações que se dedicam a defesa dos direitos humanos e das minorias sexuais, tais como da *Woman_and_Law_ in Southern África (WLSA)*, Liga Dos Direitos Humanos (LDH) Associação Moçambicana para Defesa das Minorias Sexuais (Associação Lambda), a *United Nations_ Population _Fund (UNFPA)* e alguns trabalhos de finais de curso do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlan tais como “A homossexualidade em Moçambique” de Arsénio Tomás Chiconela, “Expressões da Homossexualidade em Maputo” de António Martins Timbana e Estevão Artur Manhice editado pela Dra. Sandra Manuel, ainda podemos verificar algumas lacunas, pois este tema é amplo e ainda há muito a se estudar.

É no contexto desta lacuna, que desenvolveu-se o presente estudo, com o objectivo de trazer, uma abordagem antropológica que irá contribuir para a compreensão dos processos de auto-afirmação da homossexualidade masculina na cidade de Maputo.

A Antropologia sendo, uma ciência da humanidade e da cultura, tem um campo de investigação extremamente vasto que abrange todas as dimensões do social, protende-se desta forma, contribuir para melhor compreensão do fenómeno da homossexualidade masculina na cidade de Maputo. Esta pesquisa antropológica pode contribuir para a explicação da génese da homossexualidade, apontando factores socioculturais que podem favorecer o seu surgimento.

Este trabalho é um Humilde contributo nessa empreitada, para descortinar essa realidade no presente contexto. E estudos futuros sobre este tema, com uma amostra mais significativa, seriam favoráveis ao acréscimo de conteúdo a este enfoque.

1.2. Objectivos

Compreender as dinâmicas do processo de auto-afirmação da homossexualidade masculina, e como os próprios se definem.

1.2.1.Objectivos específicos

- Analisar como os homossexuais encaram e processam a opinião da sociedade em geral.
- Estudar como é que os indivíduos se descobriram homossexuais, quando e como começam a renunciar à sua heterossexualidade.
- Mapear quais os desafios por eles enfrentados no processo da auto-afirmação tanto a nível familiar, rede de amigos e espaços de sociabilidade.

1.3. Hipótese

Sendo a homossexualidade vista pelo maior número dos indivíduos, como aberração, grande parte dos homossexuais para não serem discriminados mantem em “segredo” a sua orientação sexual, por causa do preconceito que existe em relação á própria homossexualidade e as crenças de estigmatização que giram em torno desta, pois, valores sociais e familiares influenciam no modo como os homossexuais vivem, comportam-se, auto-afirmam e como eles vêem a si mesmos.

1.4. Problemática

No que concerne a escolha de parceiros sexuais, as mudanças de comportamento social nas relações sociais vêm sofrendo alterações em Maputo e no mundo em geral. Neste contexto temos presenciado nos últimos tempos a luta dos Homossexuais, pela conquista, legitimação, e aceitação social, da sua orientação sexual.

Apesar da sexualidade de um indivíduo ser algo que acontece entre duas ou mais pessoas dentro de “quatro paredes” influência o modo de vida e a forma como o indivíduo é tratado na sociedade. E como resultado, por vezes parece que só o homossexual tem sexualidade, pois, os assuntos de maior destaque são as relações homossexuais.

Devido a construção social, em sociedades patrilineares ou matrilineares, a homossexualidade, se afigura como “aberração” a natureza. Esta posição, faz com que se apontem - se questionamentos profundos dos fundamentos estruturados pela sociedade, sobre o tipo de relacionamento (orientação sexual) que o indivíduo deve ter. Pois como defende Almeida (1999) a masculinidade hegemónica se constitui, então, como um modelo ideal, praticamente irrealizável, que subordina outras possíveis variedades de masculinidades e exerce um efeito controlador no processo de constituição de identidades masculinas. E não se aceita a ideia de que um indivíduo possa ter relações sexuais com outro do mesmo sexo.

Segundo Boudieu (2005), A construção da masculinidade dentro do quadro das normas de género e da heteronormatividade configura-se, portanto, em um processo dotado de muitos impedimentos, fazendo com que a parte dominante (o elemento “masculino”) seja ironicamente “dominada por sua própria dominação”. O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contraposição na tensão e na contenção permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social.

A sociedade não aceita a ideia de outro tipo de orientação sexual a não ser a heterossexualidade. E os indivíduos que têm um outro tipo de orientação sexual são rejeitados, marginalizados e têm sido conotados como indivíduos vivendo fora dos padrões normais impostos e aceites pela sociedade. E essa rejeição é expressa pelos membros da sociedade, por meio de atitudes, enunciações e comportamentos, abertamente homofóbicos.

Em muitos casos os homossexuais são levados a esconder a sua orientação sexual, por temerem retaliações de qualquer tipo. E sendo assim pode-se questionar como é que os próprios homossexuais se auto-afirmam, e como eles se definem.

1.5. Orientação metodológica

Esta pesquisa é qualitativa, e busca analisar aspectos inerentes a processos de auto-afirmação da identidade dos homossexuais masculinos na cidade de Maputo.

Para recolha de dados, procedeu-se a revisão de literatura, levantamento de dados, por meio de entrevistas, questionários, observação directa e conversas não formais, a amigos, e a um grupo de indivíduos que fazem parte da Associação Lambda (Associação Moçambicana para Defesa das Minorias Sexuais).

Foram entrevistados um total de 18 indivíduos, do sexo masculino, com idades compreendidas dos 21anos aos 37anos de idade. Dos dezoito (18) indivíduos entrevistado, dois (2) são casados oficialmente (casaram-se na África do Sul), porque em Moçambique ainda não foi legalizado o casamento entre pessoas do mesmo sexo, quatro (4) não tem namorados, doze (12) tem namorados.

Em termos de níveis de escolaridade, um (1) têm nível de mestrado, dois (2) têm o nível de licenciatura, três (3) técnico profissional, seis (6) ensinos médio concluído, quatro (4) encontra-se a frequentar o ensino médio, dois (2) preferiram não dizer o seu nível de escolaridade.

Todos os indivíduos, vestem-se como “homens”, com excepção de alguns que gostam de pintar os olhos, e fazer uma maquilhagem “discreta”. Grande parte destes, se expressão, de forma socialmente concebida como forma das “mulheres” se expressar. Usam gestos considerados “femininos”, o tom de voz mais afinado. nenhuns dos entrevistados têm filhos.

Os dados colectados foram através de observação em festas realizadas por este grupo de indivíduos, alguns encontros casuais, entrevistas semiestruturadas que decorreram na Associação Lambda, além de informações específicas sobre dados pessoais, como sexo idade estado civil.

Para a realização do presente trabalho teve-se que inicialmente, falar com Dr. Dário Sousa que apresentou administração da associação LAMBDA. De seguida á direcção da associação Lambda autorizou a realização da pesquisa.

A entrevista na Associação foi primeiramente orientada por um roteiro semiestruturado para colecta de dados. E posteriormente de conversa informal que desenvolveu-se com os entrevistados, nos encontros ocasionais através da rede social Facebook e algumas festas.

Para a copilação dos dados usou-se, a análise qualitativa do conteúdo dos discursos. Onde criou-se quatro categorias, que são homossexualidade, orientação sexual, comportamento social, opção sexual e sexualidade tendo como base respostas mais frequentes dos meus entrevistados, que reuniam aspectos que envolvem a temática da minha pesquisa.

Este procedimento adoptado visava facilitar a interpretação dos dados colhidos para posteriormente comparar com as entrevistas com o objectivo de obter características gerais que apareceram na maioria dos discursos e relacionar com a literatura que fundamenta a pesquisa.

2. Conceptualização

O termo homossexualidade é usado para designar a relação sexual e afectiva entre pessoas do mesmo sexo (MOTT, 2003).

Segundo Aurélio (1975) citado por Mott (2003) A palavra origina-se do grego homos, que quer dizer “igual”, “semelhante”, e do latim sexo, que significa “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais”.

Para Mott (2003) O termo foi criado em 1869 pelo jornalista Húngaro Benkert. Um ano depois foi considerado um termo universal e aceito pelos homossexuais, que são aqueles que amam e sentem-se atraídos por pessoas do seu sexo.

Segundo Fry e Macroy (1991) “A homossexualidade é preferência nas relações sexuais e afectivas entre pessoas do mesmo sexo (pessoas do sexo masculino com pessoas do sexo masculino ou pessoas do sexo feminino com pessoas do sexo feminino) ”.

De acordo com Jardim e Brêtas (2006) Orientação Sexual é “todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou do mídia”. A orientação sexual é definida pelo indivíduo durante a puberdade. Existem três formas de orientação sexual: heterossexual, indivíduo que se sente sexualmente atraído por pessoas do sexo oposto; homossexual, indivíduo que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo; bissexual, indivíduo que se sente atraído tanto por pessoas de ambos os sexos. Dentro de cada orientação sexual, existe variedade de estilos de vida e preferências eróticas.

Segundo Goffman (1988), Estigma é bastante antigo e era usado pelos gregos para designar sinais corporais e físicos que evidenciassem algo diferente ou de mau no indivíduo. Este termo, é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.

Podem-se mencionar três tipos de estigma: Em primeiro lugar, as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, alcoolismo, homossexualismo, tentativas de suicídio etc. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação

e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Para Foucault (1988), Sexualidade é um conjunto de valores e saberes produzidos e validados pelos discursos sociais sobre o sexo, de acordo com os distintos contextos culturais, que determinam as condutas sexuais dos indivíduos.

Sexualidade Humana

O Manual do Multiplicador (1996) defende que a palavra sexo tem, seis (6) significados.

1 - Sexo genético: é determinado pelos cromossomas, as células que definem a estrutura masculina ou feminina do embrião humano;

2 - Sexo gonadal: as gónadas da mulher são os ovários, que produzem os hormónios femininos, ou progesterona; as gónadas do homem são os testículos, que produzem os hormónios masculinos, ou testosterona;

3 - Sexo genital: são os órgãos sexuais externos, na mulher a vagina, e no homem o pénis;

4 - Sexo psicológico: é a identidade sexual de cada indivíduo:

5 - Sexo social: é o papel de género, a forma como cada sociedade vai moldar o comportamento sexual diferenciado dos homens e das mulheres.

6 - Sexo erótico: é a atracção ou orientação sexual dos indivíduos, que poderá ser para o sexo oposto (heterossexualidade), para o mesmo sexo (homossexualidade), ou para ambos (bissexualidade).

Sendo assim a sexualidade humana não é instintiva, é cultural, e não há nada que seja, intrinsecamente, bom ou mau, certo ou errado.

Para a Infópedia (2012) “ interação social é o processo através do qual as pessoas se relacionam umas com as outras, num determinado contexto social. A interacção apoia-se no princípio da reciprocidade da acção, e é reconhecida como condição necessária para a organização espaço temporal. Isto significa que os actos dos indivíduos não são independentes, mas condicionados pela percepção do comportamento do outro.

Para K. Lewin a interacção é a base para a compreensão dos processos psicológicos, condicionados pela relação do indivíduo concreto com a situação.

2.1. Categorização dos Homossexuais Masculinos

Quando abordamos sobre o universo homossexual não podemos generalizar, temos que ter em conta como em qualquer grupo social, os indivíduos são diferentes e apresentam características e comportamentos que o distinguem uns dos outros. Há uma diversidade de categorias no universo homossexual.

Mott (2003) afirma que: em todo grupo e comunidade social, existem diversos indivíduos que trazem consigo características e comportamentos próprios que o identifica como diferente entre os outros. Da mesma forma acontece no universo homossexual, que comporta diversas manifestações de comportamentos e estilos de vida.

Na categorização da homossexualidade masculina destacam-se três grupos de homossexuais, que são: os Gays, os Transgêneros e os Bofes. A palavra gay é muito usada como sinónimo de homossexual. Mais esta expressão é utilizada para denominar um grupo no universo homossexual que abriga os “enrustidos”, os “assumidos”, as “bichas fechativas” e os “militantes”.

Os enrustidos são os indivíduos que não se assumem homossexuais, ou se assumem somente em ambientes onde há homossexuais. E dentro desta categoria vamos encontrar os bissexuais: homens que se relacionam sexualmente ou afectivamente com homens ou/e mulheres.

Segundo o manual do multiplicador (1996) A categoria dos assumidos, é aquela onde os indivíduos assumem a sua sexualidade. Onde encontramos as bichas fechativas, que são homossexuais que apresentam características “femininas”. Eles não mantêm relações sexuais entre si. Procuram sempre homens que apresentem estereótipos de “macho”. Encontramos também dentro desta categoria os militantes que são homossexuais activistas que lutam pelos direitos dos homossexuais e fazem parte do movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, e transexuais).

Para Pelúcio (2004), os Transgeneros vestem-se como “mulheres” e adoptarem características femininas. Assumem na sociedade o papel oposto ao sexo do seu nascimento. Dentro deste grupo encontramos os travestis, que adoptam um nome feminino e vestem-se com roupas e sapatos de mulheres. Eles utilizam-se de harmónios para construir um corpo

feminino, mesmo tendo construído um corpo feminino, eles preferem permanecer com o seu órgão genital de nascimento.

De acordo com Machado (2004) dentro do grupo dos travestis, iremos encontrar os transformistas que são homossexuais que se vestem de mulher, para apresentarem shows de interpretação e dublagem, porém não assumem uma identidade feminina. Ainda podemos encontrar as drag-queem, são os homossexuais que se “fantasiam”, mais não assumem uma identidade feminina.

Para Mott (2003) existe uma outra categoria que é a dos transexuais. O transexual que é um homossexual efeminado, que tem plena convicção de ser uma mulher aprisionada em um corpo de homem.

2.2.Estado de arte

Apesar do termo homossexualidade ser recente, as práticas homossexuais são antigas, existe a séculos Antes de Cristo, e em toda parte do mundo. É algo comum na natureza, em plantas, entre os animais, tais como a Zebra, macacos, Golfinhos, etc.

O poeta Goethe dizia que “a homossexualidade é tão antiga como a própria humanidade” (Mott, 2003). O primeiro registo deste fenómeno foi descrito na Bíblia Sagrada no livro de Gênese, capítulo 19, versículos de 1 a 11.

Para Foucault (1997) citado por Perlin (1999), na Grécia antiga já existia a homossexualidade mas ainda, não existia a categorização do termo. Era sim sexo e prazer entre mulher com mulher e homem com homem.

No Egipto Antigo as relações bissexuais eram aceitas pela população com naturalidade e também há estudos que comprovam a existência de práticas homossexuais em diversas sociedades ocidentais, observadas sem estranhamentos (SPENCER, 1999).

Com o crescimento do Cristianismo, houve uma mudança na forma de ver as práticas homossexuais. A Igreja exerceu um papel importante na formação do pensamento acerca da homossexualidade através da tradição Judaica Crista. Que considerou este tipo de relação como pecado abominável. Pois ela era contra os mandamentos de Deus

Na perspectiva de Weeks (1999) o termo “homossexualidade” era desconhecido até ao momento em que sexualidade passou a ser controlada. Nesta época, a homossexualidade passou a ser vista como crime passível à pena de morte, assim como o adultério e o incesto.

Com o passar dos tempos o poder da igreja sobre os cidadãos diminuiu, as relações sexuais voltadas apenas para o prazer deixou de ser vista como pecado e deixaram de ser proibidas. O que levou com que as pessoas sentissem-se menos culpadas pelas praticas homossexuais. (Guillebaud1999).

Para Sanders (2002) foi no princípio do século XX, que se passou a ver a homossexualidade como uma variação biológica natural, mas logo esse ponto de vista deu lugar às noções de perversão, inversão e de “terceiro sexo”.

Após a visão teológica, biológica e psicológica a respeito do tema, foi a vez de enxergar a homossexualidade sob a luz da perspectiva social.

Segundo Weeks, (1999) no século XIX houve o surgimento de movimentos que começaram a defender os homossexuais. Exigindo que ela seja reconhecida como legítima tendo em conta o princípio da liberdade de escolha dos indivíduos.

Junqueira (2009:37), defende que : na segunda metade do século XIX, enquanto a sexualidade se convertia numa “questão”, a norma heterossexual era produzida, reiterada e tornada compulsória, sustentando a heteronormatividade. Médicos, filósofos, moralistas e pensadores passaram a fazer proclamações e “descobertas” sobre o sexo, a inventar classificações de sujeitos e de práticas sexuais e a determinar o que seria ou não “normal”, “adequado”, “sadio”. Disso surgiram o “homossexual” a “homossexualidade”, e as práticas afectivas e sexuais entre pessoas de mesmo sexo ganhando nova conotação, surgindo assim a heterossexualidade e a homossexualidade.

Para garantir o privilégio da heterossexualidade, investimentos de toda ordem foram postos em acção, incorreu-se a uma sequência de acções punitivas ou recuperadoras, de ordem jurídica, religiosa ou educativa.

Dai, muitas teorias foram criadas em torno da homossexualidade, e foram apresentadas de forma não comprovadas e contraditórias. Essas teorias giravam em torno de justificações tais como: A Homossexualidade é resultado de um pai ausente e uma mãe protectora: que a homossexualidade não é natural: que a homossexualidade é doença, como a medicina a

classificou como anomalia vício ou doença, segundo (Cabral 1995:) citado por Marcelo (2006) por isso havia a necessidade do homossexual ser tratado, como problemas espirituais e mais.

Para Soares (2008), em praticamente todos os países do mundo, a homossexualidade é um tema que divide a opinião das pessoas. Há quem afirme que ela é uma prática imoral e contrária à natureza. Por outro lado, muitos acreditam que a atracção por um individuo do mesmo sexo seja uma variação natural da sexualidade humana.

Nas décadas de 1990 e 2000, muitos Estados europeus foram levados a aprovar a legislação que protege os homossexuais. Mesmo assim a homossexualidade não foi aceite em todos contextos e mesmo nos países que foi legalmente permitida, há registo de violência, preconceito e estigma.

No contexto Moçambicano, desenvolveram-se, e estão a ser desenvolvidos estudos que abordam sobre a questão do surgimento da homossexualidade. Tais como:

Arthur (2004) nega a ideia de que em Moçambique a homossexualidade foi importada do estrangeiro. E alicerçando a ideia de (Arthur 2004), Bagnol (1996) defende que a homossexualidade em Moçambique já vem sendo praticada á bastante tempo e que existem grupos sociais como de mineiros, prisioneiros, soldados e curandeiros, onde as práticas são e já eram frequentes á muito tempo, como o caso dos mineiros, soldados e prisioneiros, no caso de curandeiros.

O preconceito que a maioria da sociedade tem em relação a homossexualidade, é que faz com que os homossexuais não assumam a sua homossexualidade, o que faz com que haja uma separação de ambientes de convivência entre os homossexuais e os heterossexuais. (Carneiro 2003).

Fry e MacRae (1983) defendem que não há verdade absoluta sobre o que é homossexualidade, e que ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior das sociedades.

2.3. Enquadramento Teórico Conceptual

A abordagem que irei seguir será o modelo de análise da teoria de Estigma de Erving Goffman (1980), pois é ela que melhor se ajusta aos meus conceitos chaves. Esta teoria

discute, a construção e gestão das identidades sociais de grupos estigmatizados e minoritários. Ela aborda sobre a questão da construção e gestão das identidades sociais, e defende que elas não são estáticas, variam de acordo com interação social em que o indivíduo se encontra.

Goffman (1980) _ defende que o estigma é bastante antigo, e era usado pelos gregos para designar sinais corporais e físicos que evidenciassem algo diferente ou de mau no indivíduo. Na medida em que: a sociedade cria um conjunto de normas e categorias, e define o que é normal e o que não é normal, o socialmente aceite e o não aceite. São as categorias que definem a identidade social do indivíduo que determinam a forma como este se relacionam com os demais membros da sua colectividade.

Para autor o estigma deve ser considerado como o resultado de uma particular relação entre os atributos de uma determinada pessoa e os estereótipos sociais. E defende que várias podem ser as respostas às situações estigmatizantes; uns poderão tentar corrigir, objectivamente, a causa de seu estigma, tentando se adaptar melhor à sociedade com terapias especializadas, como ocorre constantemente com os deficientes físicos, com os homossexuais.

Minha análise vai ficar dependente deste conceito. Irei ter como base dois conceitos essenciais que serão: identidade social e sexualidade.

2.4. Limitações desta pesquisa

As dificuldades encontradas, no processo da elaboração do presente trabalho deveram-se, á falta de disponibilidade de alguns entrevistados, houve então a necessidade de um maior desdobramento afim dos horários coincidirem.

Por vezes marcávamos as entrevistas e os entrevistados por uma ou outra razão não se faziam presentes. Outros por receios, não quiseram sequer escutar para que propósito as entrevista estavam a ser solicitados. Houve também a situações em que as entrevistas foram desmarcadas em cima da hora.

Sobre Moçambique há material que aborda sobre esta questão mais sendo a homossexualidade um tema amplo e que abarca varias vertentes, tive ter como base algumas obras e artigos científicos doutros países.

2.5 Desafios de estudar a homossexualidade

Existem grandes desafios, no tocante a estudar a homossexualidade, pois este tema é muito complexo, seja ele abordado no âmbito social ou na academia, visto que apesar que vários autores e novas abordagens teóricas na actualidade contribuírem com diálogos e reflexões sobre esta questão, ainda não há um consenso como tratar este fenómeno.

A definição padrão do que é ser homossexual, é que é homossexual o indivíduo que têm relações sexuais e amorosas com pessoas do mesmo sexo. Esta definição “tradicional” não da conta da dimensão e da diversidade de experiências humanas e passam a ser relativizadas por outros atributos presentes na vida quotidiana.

Ao longo da presente pesquisa deparamos, que há uma contradição na conceitualização do que está teorizado sobre o que é a homossexualidade e o que é ser homossexual, e o que os próprios agentes entendem sobre o que é ser homossexual. Pois quando questionados, sobre como é que eles definiam o que é ser homossexual, eles responderam, que homossexuais são, indivíduos, que gostam e que fazem sexo com indivíduos do mesmo sexo.

E que dentro da categoria de homossexuais existia os: homossexuais activos, (aquele que desempenha o papel de “homem”). Homossexuais passivos (o que desempenham o papel “feminino”), homossexuais mistos (o que desempenham o papel “feminino e masculino”), traveste (quem vestisse com roupas femininas).

Quando questionados se os parceiros eram homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, maior número dos entrevistados com excepção a três responderam que não, que eles são heterossexuais.

Voltando a questionar, o porque deles considerarem seus parceiros como heterossexuais? Uma vês que eles defendem que ser homossexual é ter relações sexuais e afectivas com pessoas do mesmo sexo? E ao mesmo tempo defendiam que os parceiros são heterossexuais pois tinham características de (comportamento) “homens”.

Um defendeu que o marido (casou na África do Sul) é heterossexual pelo facto de este ter primeiramente se casado com uma mulher, e depois de o ter conhecido, ter-se divorciado, para à posterior casar com ele. E que o marido gosta dele, por isso casou com ele, e não pelo facto de ser homossexual. Uma vez que na própria definição dele existe homossexual activo

(o que defende a posição de homem) e este se assemelha ao heterossexual. Então onde é que reside a diferença. Talvez pelo facto do “heterossexual “, não se considerar homossexual.

Sendo assim, quem vamos considerar ser homossexuais na Cidade de Maputo? Ou existe algum critério específico para a definição da homossexualidade? Visto que há uma ligeira “confusão “, não sei se é na definição do próprio termo, ou se é sobre a questão do que é ser homossexual? Será que há uma necessidade de se reformular os conceitos? Pois as práticas sociais ficaram mais “complicadas” em ralação ao que vem escrito.

Os indivíduos têm uma identidade que já não cabe mais nos conceitos. E o que iremos fazer como os conceitos que temos? Visto que os mesmos já não cabem no que estamos a vivenciar hoje. Neste sentido o que teremos nós de desconstruir? Pois os conceitos que temos estão a ser questionados. Sendo assim será que será possível ter uma ideia real sobre o nosso objecto de estudo? Será que não há uma necessidade da antropologia repensar a ela mesmo?

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

3.1. Apresentação da Associação

LAMBDA _É uma Associação Moçambicana para a Defesa das Minorias Sexuais. Fundada em 2006 por um grupo de indivíduos com propósito da defesa dos direitos das minorias sexuais. Mais só a partir de 2007 que envolveu-se na mobilização das pessoas e na discussão do que seria a própria organização e para quê que ele existiria.

A LAMBDA promove os direitos das minorias sexuais, gays, lésbicas, bissexuais e transexuais é um Movimento de mulheres e homens Moçambicanos que lutam pelo reconhecimento dos seus direitos civis. Esta associação tem como objectivo lutar pelo reconhecimento dos homossexuais (LGBTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais) pelo Estado, respeitados pelos cidadãos e protegidos pela Lei.

Esta associação dedica-se a representação de todo o Moçambicano que é membro e cujos direitos sejam negados ou negligenciados pelo Estado e pela sociedade. Ela não tem um estatuto jurídico, apesar desta reunir todos os requisitos necessários para o registo, pois verifica-se uma resistência por parte do Ministério da Justiça para legalizar a associação.

A LAMBDA procura promover os direitos civis, humanos e legais dos cidadãos de orientação e identidade sexual diferente, através de educação pública, aconselhamento distribuição gratuita de material de protecção contra VIH/SIDA, advocacia e diálogo. Com a finalidade de reduzir o preconceito e discriminação contra as pessoas LGBTI; promover a auto-estima e a saúde sexual das pessoas LGBTI; lançando campanhas para a protecção dos direitos dos cidadãos LGBTI; aumentar a visibilidade da LAMBDA a nível nacional.

3.2. A homossexualidade na Cidade de Maputo

No contexto Moçambicano, precisamente na Cidade de Maputo, até aos dias de hoje, o preconceito contra a homossexualidade tomou várias formas, e junto algumas crenças, se traduziram na ideia segundo a qual, o individuo heterossexual é o “natural e o correcto”, pois, associa-se a ideia de que Deus criou o homem e mulher com o objectivos destes procriarem. E nestas condições a homossexualidade é tida como uma forma contraria a natureza, consequentemente, contraria a vontade divina. Como resultado os homossexuais são estigmatizados e discriminados pelos membros da sociedade.

Visto que a sociedade é que determina critérios, e princípio que regulam o padrão de comportamento que os indivíduos devem adoptar, esse padrão de comportamento é que vai influenciar e condicionar o modo de vida, e a forma como os membros da sociedade devem se comportar, conseqüentemente, determinam o modelo ideal do indivíduo aceite pela sociedade.

Como consequência, o homossexual não é visto com bons olhos pelos indivíduos da cidade de Maputo, eles são tidos como indivíduos que vivem fora dos padrões “normais” (forma de agir e de se comportar) impostas pela sociedade, e como resultado, eles são discriminados, tratados como indivíduos portadores de uma doença ou problema (de carácter congénito, ou adquirido), em alguns casos são tidos como indivíduos que estão possessos de espírito malignos, que apresentam quaisquer anomalias ou tem desvio comportamental, no quadro de uma pretendida normalidade heterossexual. Como sustentam algumas afirmações:

Minha tia já veio e já buscou ajuda de pastores (...) fizeram todo trabalho e não saiu. Até hoje há quem defende de que eu sou doente.

Ao longo dessa vida você vai ouvindo muitos comentários preconceituosos, mesmo que elas não estejam falando de você. Mais durante as conversas você vai ouvindo.

Eu acho que preconceito esta incutido em muitas coisas do quotidiano, exemplo piada, as vezes a pessoa que esta a falar nem percebe que esta sendo homofóbico.

Eu não gosto que me chamem homossexual, porque parece doença, (...).

O padrão de normalidade está inserido no princípio da “igualdade”, Isso faz com que reforcemos os padrões considerados desejáveis, reprimindo, com punições, verbais físicas e psicológicas, os padrões indesejáveis ou diferentes. Sendo assim os homossexuais são tidos como diferente dos demais são estigmatizados, tratados de forma preconceituosa e muitas vezes são chamados por nomes. Como vai explicar a citação abaixo:

(...) Já fui chamado por nomes na rua com meu namorado, mais nada frente a frente.

Já fui insultado e chamado de vários nomes, dos quais prefiro nem me lembrar...

Os homossexuais em seu contacto diário com os membros da sociedade deparam com as consequências e os efeitos de terem uma orientação sexual diferente. Uma dessas consequências é o preconceito que já este incutido no seu dia-a-dia, pela forma como eles são tratados, isso faz com que estes sintam-se inseguros.

Como resultado tratamento que recebe da sociedade o homossexual tende a ter as mesmas crenças sobre qual é a forma correcta que individuo deve apresentar e se comportar perante a sociedade.

Isso faz com que ele entre numa “luta” interna e questione se ele é um “indivíduo normal” (um indivíduo heterossexual) ou um individuo que “foge” do padrão de normalidade (padrão pretendido e aceite pela sociedade). Como sustenta as afirmações abaixo

Eu, várias vezes questione-me? Porque eu? Porque eu? Porque não podia ser igual aos outros? Esse período durou até meus 19 a 20anos, desse período também me afasto das pessoas porque tinha receio de que ao conviver com as pessoas as pessoas reparassem a diferença.

Seus sentimentos sobre o que eles são em muitos casos confundem se são ou não um "individuo normal". Além disso este individuo pode aperceber-se, que não é aceite. Pois os indivíduos que têm, contactos diários com ele, não conseguem, lhe tratar como “igual”. O que vai interferir no seu dia-a-dia, no seu modo de viver e no relacionamento com os demais membros da sociedade. Como sustenta as afirmações abaixo

De certa forma interfere sim porque não e só comigo, mais envolve outras pessoas e a forma como as outras pessoas te vem também.

Dependendo de quem fala incomoda bastante.

(...) Eu me recuso a viver com medo por causa do jeito como as pessoas pensam. Eu vou vestir do jeito que quero, foi uma discussão bem grande em casa.

Como resposta ao tratamento que os homossexuais têm recebido por parte dos indivíduos da sociedade, ele tenta em algumas situações corrigir o “problema ou a anomalia” buscando as mais diversas formas de ajuda, nas Igrejas nos psicoterapeutas, nos curandeiros e o que estiver disponível, ele empreende toda a “força” possível a fim de resolverem essa “anomalia”. Eis alguns exemplos:

Falei com minha mãe que queria ir ao psicólogo, mais que no fundo no fundo minha ideia como outra pessoa era curar (...) comecei a fazer terapia com o psicólogo (...).

Minha tia (...) buscou ajuda de pastores (...) fizeram todo trabalho e não saiu. Até hoje há quem defende de que eu sou doente.

O indivíduo estigmatizado pode, também, tentar corrigir a sua condição de outras formas. O preconceito, com o, homossexuais, exige que o indivíduo seja reservado em relação a seu “defeito” com uma classe de pessoas, ao mesmo tempo em que se expõe a outras classes.

3.3. Quem são e como se definem

Segundo Chiconela (2011) “Não se pode falar de características no sentido restrito quando se fala em homossexualidade... o homossexualismo não é distinguível pelo olhar ou pela aparência física.

Para Silva (2013) Por não ter referências positivas sobre a homossexualidade, os jovens começam por não aceitarem a sua sexualidade, e depois escondem-na dos familiares e amigos.

O indivíduo homossexual tem as mesmas crenças que um indivíduo heterossexual, sobre o ideal de indivíduo aceite pela sociedade. Isso faz com que ele por vezes sinta-se “confuso”. E ao mesmo tempo ele pode aperceber que sempre será tratado como “diferente” pelos demais.

O homossexual vê esse choque de diferença, no momento em que tem de manter um contacto directo com indivíduos heterossexuais. Isso faz com que o homossexual sinta-se inseguro com relação à forma como ele será identificado e tratado. Essa insegurança é resultado da incerteza de não saber se será ou não aceite.

(...) A forma com que elas te vêm faz com que você haja de várias formas. Mais isso vai construindo quem você é então de certa forma acho que tem a ver.

É um estilo de vida porque muda tudo, (...) quando você diz, eu sou homossexual (...) porque muda tudo.

O homossexual aprende a incorporar o ponto de vista que os indivíduos da sociedade tem dele, isso faz com que ele veja-se diferente dos demais e arranje critérios para se definir. O que irá permitir com que ele crie uma base para um desenvolvimento posterior a fim de que consiga se diferenciar dos indivíduos da sociedade. Ao questionar sobre, como e que eles se definem ou o que é ser homossexual? Verificou-se que cada indivíduo tem um ponto de vista diferente sobre o que é ser homossexual. Eis alguns exemplos:

O jeito do braço (...) a forma de se mexer de mais a forma de gesticular, uma pessoa que gosta de um tipo de música.

Para mim é um estilo de vida, é ouvir certo tipo de música é frequentar certo tipo de lugar.

E um estilo de vida porque muda tudo, quando você diz, eu sou homossexual.

Todos têm uma identidade e mostra pela forma como você se veste, pelo corte de cabelo.

Alguns reflexos das considerações feitas acima, ainda, podem ser sentidos, pois quando questionado sobre sua opção sexual meus informantes deram as seguintes declarações:

Acho que eu nunca tive opção sexual...

Eu sou homossexual

(...) Que foi, eu gostava de meninos e prontos.

Ao fazer estas questões, buscava ao mesmo tempo interpretar outros aspectos, tais como: linguísticos, corporais, sentimentais, o modo de agir, e sobre o que eles entendiam à luz das considerações sobre o que é ser homossexual e sobre a sua orientação sexual, quase sempre depois das respostas as respostas obtidas não se enquadravam por completo as suas práticas sexuais (ou nas convenções ligadas à sexualidade), descartando, assim, a restrição de relacionamentos afectivo-sexuais somente com pessoas do mesmo sexo.

Quando questionados sobre, como eles são chamados ou preferem ser chamados pelos indivíduos da sociedade. Alguns dos entrevistados responderam o seguinte:

Eu gosto de ser chamado de (...) porque o que faço as quatro paredes não é o que me deve definir...chamo-me (...) e ponto final.

Eu gosto de ser chamada de homossexual porque tem posicionamento político.

Eu prefiro que me chamem pelo meu nome (...) e não pela minha orientação sexual.

Pode-se concluir que, maior número dos entrevistados, não gostam de ser chamados de homossexuais ou gay (expressão muito usada por eles). Eles querem ser reconhecidos pelo que são e não pela opção sexual que eles têm ou pelo que fazem as “quatro paredes”. Ao questionar se foi uma opção ou uma escolha. As respostas foram:

Não foi uma escolha (...)

Não acho que é uma opção, é uma condição, opção é quando você têm diversas escolhas e você pode escolher (...) e no meu caso não é.

Para mim está bem claro que não é opção.

A quando do momento da questão acima, pode-se notar que maior número dos entrevistados partilham a ideia de que a sua opção sexual não foi uma escolha nem foi opção. Eles defendem de que é algo que nasceu com eles, pois quando se descobriram, já gostavam de pessoas do mesmo sexo. Eles também defenderam de que se tivessem tido a opção de escolher entre ser homossexual e ser heterossexual, teriam optado sem sombra de dúvidas em ser heterossexuais. Pois como homossexuais sentem-se diferentes dos demais membros da sociedade. E para não serem estigmatizados e receberem um tratamento diferente dos demais optam por vezes em ocultar a opção sexual.

3.4. Construindo a Identidade

Para Manuel (2012) “Os debates teóricos sobre os processos de afirmação de identidades são apresentados de diferentes formas de explicação. Uns afirmam que as identidades são afirmadas colectivamente e outros afirmam que se baseiam na auto-afirmação (individual) e outros ainda afirmam que as identidades são expressas pela sexualidade dos indivíduos. Ora, os defensores das identidades colectivas afirmam que as identidades individuais são também identidades sociais porque as diferenciações e identificações estão inscritas dentro de um contexto social. Desta forma, as identidades sexuais se inserem num quadro de códigos sociais dominantes dentro dos quais o indivíduo declara a sua pertença. Assim, os indivíduos

afirmam as suas identidades sexuais a partir dos postulados sociais, por exemplo, dizer “eu sou gay” ou “eu sou”.

Segundo Erikson (1963, 1968, 1980) citado por Carneiro e Menezes (2006) identidade é um sentimento subjectivo de unidade pessoal e de continuidade temporal. O homossexual se baseia pela informação quotidiana disponível sobre o homossexual quando decide quais os caminhos que ira percorrer para construir a sua identidade. Está informação é de grande importância para ele.

Têm muita (...) perguntam como funciona, mais você olha para pessoa e diz, eu sei quem você é.

De certa forma interfere sim porque não e só comigo, mais envolve outras pessoas e a forma como as outras pessoas te vem também.

A forma com que elas te vêm faz com que você aja de várias formas. Mais isso vai construindo quem você e então de certa forma acho que tem a ver.

Em decorrência disso, qualquer posicionamento que ele toma com relação ao tipo de identidade que vai adoptar trás consigo suas consequências. A forma como os membros da sociedade lhes vai olhar, será diferente da imagem que ele projecta do relacionamento que ele desenvolve com indivíduos que o conhecem pessoalmente. Pois a sociedade lhe olhar de forma diferente. (como alguém que apresenta alguma “anomalia”).

O tempo de cada ser humano depende de uma adaptação sistemática e processual, das experiências de vida e da integração dos papéis sociais. Como vemos abaixo:

Eu já descobri que era assim desde que eu era pequeno, quando passava um homem, eu sempre assobiava para ele.

Eu me descobri aos 17anos (...) primeiramente esconderam, com os 20anos decidi assumir o que eu sou.

No meu caso não posso dizer que descobri (...) acredito que já nasceu comigo, não houve nenhum momento que eu descobri que era homossexual, se calhar no momento em que tomei consciência do que é ser homossexual.

Todo o indivíduo tem o seu tempo para se descobrir, e se aceitar como é. Cada individuo por entrevistado teve o seu tempo. Uns se aperceberam já desde criança e outros só com decorrer

do tempo, após algumas lutas internas e questionamentos é que descobriram que gostavam de pessoas do mesmo sexo. Outros já desde que se conhecem como pessoas notavam que não eram “iguais” aos outros meninos. Outros tiveram auxílio de amigos. Apesar de terem notado essa diferença eles desenvolveram escudos com objectivo de se parecerem com os demais e continuaram a assumir os papéis que são socialmente aceites.

Para Campos, (1985: 153) citado por Carneiro e Menezes (2006) “o desenvolvimento pessoal, de facto [...] não emerge unilateralmente, é antes um processo de construção na interacção dos indivíduos com os outros [e] parece, depender da qualidade das interacções entre indivíduos nos diversos contextos do dia á dia”.

A consciência que o homossexual tem com relação aos preconceitos que eles terão de lidar, e a informação sobre que tipo de orientação deve ser adoptado, faz com que os homossexuais tenham duas faces. Como ilustram as afirmações abaixo.

Já namorei com homens e já Txilei com menina, eu não gostava mais meus amigos diziam que era bom.

Naquela fase da adolescência namorei com, algumas garotas, mais não por desejo por influência da escola, os colegas perguntavam tu tens namorada?

A minha sexualidade é só mais uma pessoa dançando dentro. Ela existe, mais não sei até quanto ela me define pra outras.

Mais eu tinha de fazer algo para os meus pais não desconfiarem, para não ser ridicularizado na escola, mais eu sabia que gostava de homens (...) uma vez na sexta classe envolvi-me com a irmã do meu colega, isso mais por quê? Por medo de passar vergonha.

Devido á estigmatização que o homossexual tem sofrido, pode-se notar que o homossexual, esconde a sua orientação sexual tendo relacionamentos com indivíduos do sexo oposto para dar a perceber que são heterossexuais enquanto não o são.

Carneiro e Menezes (2006) defendem que: “a identidade de uma pessoa ou de um grupo pode ser correlativa à de outra pessoa ou de outro grupo, e a necessidade de obter uma identidade é sempre sinónimo de uma emancipação interior, psicológica, pessoal”.

A quando da descoberta o homossexual sofre lutas internas constantes sobre que posição ele deve ou irá assumir. Se vai negar-se a si mesmo, ou vai escolher ser quem realmente acredita ser.

Depois de terem passado dois anos é que tive uma experiência sexual com alguém do mesmo sexo. E me apercebi de que realmente aquilo fazia sentido. E que as relações heterossexuais que eu vinha levando, eu só estava seguindo a mare e não estava prestando atenção para o que estava sentido de verdade.

Quando a diferença não está imediatamente aparente e não se têm dela um conhecimento prévio, nesse momento é que aparece a segunda possibilidade, a manipulação da informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde.

Quando o indivíduo, consegue assumir, é possível que haja um descrédito, em virtude do que se torna aparente sobre ele. Mesmo para os que só o identificam socialmente com base no que conseguem ver. O que faz com que, o homossexual fica com dúvida por não saber se vai ou não ser aceite, porque intimamente, os outros podem defini-lo em termos de seu estigma.

Olha quando veio á descoberto foi um choque, imagina que eu descobri que era, e não poder contar para outras pessoas.

A minha identidade, acho que eu ainda não me formei completamente, tenho meus gostos, tenho minhas opiniões e dançam conforme eu quero que elas dançam.

A incerteza de que vai ou não ser aceite faz com que o homossexual leve um tempo para se assumir. Neste espaço de tempo, ele desenvolve estratégias a fim de saber, como vai contar ou como vai ocultar a sua sexualidade. Muitos dos indivíduos entrevistados após terem decidido contar sobre sua orientação sexual, “perderam” amigos, parentes familiares, pois estes não aceitam a sua orientação sexual. Maior número dos homossexuais não tem apoio dos familiares e sim de amigos, e muitos foram expulsos de casa. Em decorrência desses resultados, alguns indivíduos preferem continuar a ocultar a sua orientação sexual, por “medo” de represarias e de não ser aceite pelos indivíduos da sociedade. Outros preferem contar a sua orientação sexual para amigos, e em muitos casos para indivíduos da associação LAMBDA. Os familiares são em muitos casos os últimos a terem conhecimento.

3.5. Relacionando-se com os Parentes

Pessoas íntimas podem desempenhar um papel importante na manipulação de situações sociais por parte do homossexual, de tal forma que quando a aceitação dela não for influenciada por seu estigma, as suas obrigações o serão. Tornando mais fácil a auto-aceitação por parte do homossexual e não precisar mais esconder.

Alguns dos entrevistados, defendem que já desde muito se sentiam homossexuais, mais por se acharem diferentes das demais pessoas numa primeira fase negaram-se a si mesmo, e foi só possível aceitarem-se no momento em que tiveram auxílio, e aprovação dos membros da família e de alguns amigos. Como sustentam as afirmações abaixo:

Minha mãe foi maravilhosa entendeu-me, percebeu tudo foi em 2010, dia 13 de Novembro (...). Graças a Deus meus pais compreenderam-me e apoiam-me.

Graças a Deus eu me considero um gay sortudo [...] hoje nos damos bem.

Por vezes alvo de rejeição, de objecção e de exclusão por parte da família de origem, os homossexuais constroem e mantêm a vida fora do quadro da família nuclear, buscando a segurança emocional e seu quotidiano nos grupos de amigos.

Maior número de indivíduos entrevistados, por saber que não irá receber nenhum auxílio ou ajuda por parte de familiares, preferem continuar ocultando a sua orientação sexual, por medo de represaria e das consequências que dali irão advir. Preferindo buscar ajuda e apoio em amigos que na maioria dos casos tem a mesma orientação sexual. Pois ele sabe que com estes terá forças e apoio necessário que precisa.

Em alguns casos a descoberta dos familiares prejudica não só a situação social corrente, mas também as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele, mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação. Em decorrência disso após alguns homossexuais darem a conhecer a sua orientação sexual aos membros da família tem de enfrentar as consequências. Como ilustra as declarações abaixo.

Minha irmã me mandou embora de casa (...). Mais me sentei com a Carmem, ela é lésbica, e ela ajudou-me muito nesse processo de aceitação.

Eu disse minha mãe eu gosto de homens, eu namoro com homens, eu me envolvo sexualmente com homens, aquilo foi um choque ela me expulsou de casa ficamos 3 meses sem nos falar (...) fui viver em casa de um amigo que também é homossexual.

Minha mãe me expulsou de casa.

Para (Berlant e Warner, 2000), citado por Roseneil (2006) “Alguns homossexuais referem-se às redes afectivas em que se inserem, como sendo a sua “família”. Os homossexuais tendem à reunir-se em pequenos grupos sociais, cujos membros derivam todos da mesma categoria. Um membro da categoria entra em contacto com outro, ambos podem dispor-se a modificar o seu trato mútuo, devido à crença de que pertencem ao mesmo "grupo". Além disso, fazendo parte da categoria um indivíduo pode ter uma probabilidade cada vez maior de entrar em contacto com qualquer outro membro. Pode-se, dessa forma, afirmar que o homossexual tende a viver em conjunto e busca ajuda em indivíduos com a mesma orientação sexual.

Os entrevistados, dizem sentir-se melhor agora que fazem parte da associação Lambda, pois ela é como se fosse a sua família, pois foi lá, onde encontraram o real apoio e amigos de verdade que os aceitam do jeito que são.

A Lambda é hoje a minha segunda casa. Aqui me sinto bem e realizado, foi graças a Lambda que hoje sou o que sou.

A Lambda me acolheu, e aqui sinto-me melhor do que em minha casa. (...) Porque aqui me aceitam como sou, e me dão forcas através da ajuda dos psicólogos a aceitar-me.

Após encontrar um grupo de apoio e descobrir que não é o único, o homossexual sentisse mais a vontade com os membros da associação do que com os seus familiares. Ele começa a estabelecer uma nova relação com os membros do seu grupo. E lá ele se sente " incorporado" e aceite como é.

Quase todos os entrevistados defendem que: para superar, e, viver com a opressão de ser homossexual, buscaram forças e apoio na Lambda, e ao chegarem lá viram de que não eram os únicos a viver com aquela realidade, o que estava a acontecer com eles também, estava a acontecer com outros indivíduos, e através dos encontros partilhados com pessoas na mesma posição eles apanharam forcas para se aceitarem como homossexuais.

Inclusive eu quando cheguei a Lambda eu tive um grande choque, porque na verdade a gente acha a gente pensa que sou o único então quando eu cheguei vi tanta gente (...) para mim foi tipo uau, quando eu sai e disse meu Deu (...) desde o dia que eu entrei e vi tanta gente ao mesmo tempo (...) era aquela coisa que eu precisava saber se realmente eu sou o único, para saber como lidar com isto...quando eu entrei eu vi que não, não sou o único.

Um colega, falou-me da associação Lambda, (...) quando ca cheguei, para meu espanto, vi de que não sou o único. Esta é a casa onde me sinto bem e desde o dia que eu pus os pés aqui busquei forças para continuar.

A pertença a uma família deixa de ser um dado adquirido para passar a ser uma questão de escolha. Os amigos tomam o papel de família, do que os próprios os pais, ou irmãos no círculo mais íntimo dos mapas de relacionamento. O homossexual acaba adoptando os membros da associação Lambda como verdadeira família.

3.6. Como são vistos pelos demais nos espaços de socialização

Quando um atributo diferencial é relativamente imperceptível, o indivíduo deve aprender que, na verdade pode ser discreto. O ponto de vista que outros observam sobre ele deve ser cuidadosamente registado e não sustentado com uma ansiedade maior que a dos próprios observadores. Como ilustra:

Eu tinha de guardar só para mim, que as pessoas não deviam olhar nem sequer suspeitar. (...) tudo por conta desse medo de ser rejeitado.

Quando vi que já não tinha saída distancie-me um pouco dos meus primos (...) porque quis evitar magoar a mim mesmo pelo que eu sou.

Uma parte do sentido ideológico dessa igualdade é lidar com a diferença em relação ao padrão almejado e é uma tarefa muito difícil. O “ideal” ou seja “normal” em nossa sociedade é ser heterossexual. Devido a sua orientação sexual o homossexual, no seu dia-a-dia encontra-se dividido entre em três tipos possíveis de lugar, em três situações diferentes pois há espaço onde ele não pode se revelar homossexual, há espaço que é “aceite e respeitado” e há espaço onde eles se sentem a vontade e pode demonstrar o que realmente é, sem nenhuma repesaria.

Ser homossexual na Cidade de Maputo é complicado. Pois mesmo aqueles que hoje se sentem mais livres, devem saber diferenciar em todo momento a relação com o mundo a sua volta, saber onde é possível deixar transparecer afeição pelo outro indivíduo do mesmo sexo e onde deve evitar fazê-lo.

Não é fácil viver numa sociedade Moçambicana (...) por conta de a nossa sociedade ser uma sociedade africana com todos os seus valores e toda cultura.

Lembro-me que a primeira vez que eu dancei numa discoteca com o meu companheiro foi passada (...) fomos encostando num canto mais ao mesmo tempo que estávamos a dançar fui fechando os olhos porque não sabia o que ia acontecer, não imaginava o que podia acontecer naquele lugar porque eu próprio nunca tinha visto 2 homens dançando (...) alguma coisa vai acontecer alguém vai- me insultar alguém vai nos bater (...) mais não, aconteceu acredito que as pessoas foram colhidas pelo espanto e ficaram desarmados.

Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. Parece também possível que um indivíduo não consiga viver de acordo com o que foi efectivamente exigido dele e, ainda assim ao reflectir sobre o momento em que descobriu que as pessoas que têm o seu estigma são pessoas iguais a qualquer outra, o estigmatizado pode chegar a tolerar que os amigos que tinha antes do estigma considerem desumanos aqueles a quem ele aprendeu a ver como pessoas tão completas quanto ele. O homossexual em virtude das diferentes formas como ele é visto, tende a incorporar várias personalidades tendo em conta o contexto em que esta inserido.

3.7. Saindo do Armário

Para Spargo (2006) “Declarar-se fora do armário da sexualidade escondida pode ser uma libertação pessoal, mas implica reconhecer a centralidade da heterossexualidade, assim como reforçar a marginalidade daqueles que ainda estão dentro do armário”. Em suma, é impossível mover-se inteiramente por fora da heterossexualidade.

No decurso da entrevista depara-mos varias vezes com esta expressão, que é frequentemente usada na comunidade homossexual, e significa o momento em que o homossexual se assume

como homossexual, momento que ele se “liberta”. Tome-mos como exemplo a afirmação abaixo:

Sair do armário na verdade foi criar coragem e contar para 1 pessoa.

É o momento onde o individuo assume a sua sexualidade tanto para si como para a sociedade.

José Machado Pais (2001) defende que, através de experiências de vida, novos significados vão sendo percebidos, e por isso diferentes papéis sociais se (re) articulam e se (re) significam no cruzamento que simultaneamente configura as nossas experiências presentes e determina a interpretação das experiências do nosso passado.

O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. A informação quotidiana disponível sobre ele é a base que o homossexual, deve partir ao decidir qual o plano de acção a empreender quanto ao estigma que possui.

Eu me assumi com 14anos, tive influência de um amigo, que ele falou que se assumiu aos 14anos, na época eu achei bom, mais foi o maior erro que cometi na minha vida. Quando eu me assumi para os meus pais comecei a falar para todo mundo, então não vi problema em me assumir para mais ninguém.

Eu, sai com 12,13 anos com auxílio da internet. Conte para minha mãe.

Alguns dos homossexuais para saírem do armário tiveram uma influência externa.

Davison (1991), acredita ser significativa a influência do terapeuta nas decisões do cliente, ao considerar que os terapeutas parecem ser capazes de fazer os clientes desejarem o que está disponível e o que eles acham que os clientes devem desejar. Os terapeutas ou psicólogos influenciam muito na decisão ou na posição que os pacientes vão tomar. Como constatamos:

(...) comecei a aperceber o contrario e sai de lá aceitando a minha homossexualidade, e chegou o dia em que eu disse, eu já não quero deixar de ser eu, quero ser, eu sou homossexual eu gosto de ser homossexual (...) primeiro me aceitei para mim mesmo, depois, foi fácil, me aceitar para os outros. (...) contar minha mãe foi inicialmente um choque um tempo conturbado na cabeça da minha mãe (...) passaram-se 2 ou3 anos acho e isso

começou aos poucos vir da parte dela querer compreender querer saber mais, com essa abertura dela influenciou no meu modo de estar perante toda sociedade.

Noutras entrevistas encontra-se uma outra motivação para uma "saída do armário", pois, de acordo com os entrevistados, os amigos são, os que mais influenciaram a dar esse passo. Eles servem também como uma rede de apoio. Como ilustra a seguinte afirmação:

Para me auto firmar fui conhecer alguns amigos gay, algumas festas.

Em muitos casos eles sofrem lutas internas por terem de ocultar sua orientação sexual para pessoas mais próximas, com receio de serem estigmatizados. Isto faz com que o indivíduo tenha de admitir a sua situação perante a pessoa íntima, ou a sentir-se culpado por não fazê-lo, por causa dos resultados que podem advir dessa revelação, quase todos os que estão numa posição em que o encobrimento é necessário, tentarão fazê-lo em alguma ocasião. Como afirma o entrevistado abaixo:

Eu acho que é muito triste, muito sofrido, você se esconder assim. Só me senti feliz comigo mesmo depois que sai do armário, antes disso eu era muito infeliz.

Essas lutas internas em muitos casos vêm acompanhadas de momento de renegação do seu modo de ser (de momentos em que o indivíduo luta com a sua forma de ser e tentando ser o que ele acredita ser o "normal"). Como ilustram as afirmações abaixo.

Eu desde criança, já brincava com meninas. Tinha comportamento mais afeminado, tive mais certeza na fase da adolescência, eu tinha sentimentos por pessoas do mesmo sexo desejava sexualmente, só que não sabia qual era o termo exacto.

As pessoas já falavam maricas, eu negava dizia que não sou, tenho jeito, o tempo foi passando, e fui me apercebendo de que realmente sou homossexual. Fui conhecer amigos gays e fui vendo que não sou o único (...) quando vi que existem outras pessoas foi quando comecei a gostar mais de mim.

Menezes 2006 citado por, (Erikson, 1968: 18). Afirma ainda que, a identidade resulta, em suma, como "um processo 'situado' no coração do indivíduo, bem como no coração da sua

comunidade, processo que funde, na prática, uma identidade [complexa e dialéctica] a partir destas duas identidades”.

Depois que os indivíduos assumiram a sua orientação sexual eles começaram a ver o mundo de forma diferente, muitos dos que por mim foram entrevistados dizem sentir-se bem melhor e felizes. Como sustenta as afirmações abaixo.

Foi um alívio, eu carregava um peso (...) E logo que descobri quem eu era, tirei o peso das costas.

Sinto-me melhor agora depois de ter assumido.

Sinto-me melhor, e livre agora, depois de me ter assumido.

3.8. Processos de Auto-afirmação dos homossexuais

Ao se abordar a questão da auto-afirmação, logo de partida temos a ideia de que refere-se, a questão do indivíduo se aceitar tal como ele é. Não só para ele mas para a sociedade em geral. Quando questionados, se eles já se haviam assumido como homossexuais. Todos eles responderam de que sim. Quando questionados sobre em que momento é que eles tomaram essa posição? Houve, vários posicionamentos.

Maior número defendeu ter tido ajuda de amigos, mais que o ponto principal foi a associação Lambda. Quando chegaram lá depararam de que não eram os únicos a vivenciarem aquele momento, que para além deles havia muito mais pessoas. Que aos poucos com ajuda dos psicólogos que a associação disponibiliza eles interiorizaram e tiveram forças para encarar o “mundo”.

E quando questionados se os familiares já tinham tomado conhecimento, da orientação social, maior número respondeu de que não, que os pais só desconfiam. Com a excepção de 6 que dizem ter contado, 4 tiveram o apoio da família, e 2 foram expulsos de casa.

Como podemos falar de auto-afirmação se os próprios homossexuais, por medo de represaria, ainda não contaram aos seus familiares sobre a sua orientação sexual. Podemos aqui dizer que eles se afirmaram como tal, até que ponto? Pois muitos deles defendem que se sentem, melhor na Lambda do que em casa, pois lá são bem tratados, e aceites como são. Não estarão eles mesmo a discriminarem-se? Uma vez que eles conseguem assumir duas posições. E uma determinada altura se assumem como homossexuais e em dado momento não se querem dar a conhecer?

4. Homossexualidade tem cura

Se a homossexualidade é tida como doença e pode ser curada. Então esta afirmação contraria todas as anteriores, que defendem outras posições. Os próprios homossexuais em algum momento acreditaram de que a homossexualidade tem cura. Como afirmou um dos entrevistados, quando disse: ‘Quando se descobriu diferente dos demais meninos, ele procurei a ajuda de um psicólogo com o intuito de ser curado. E ao chegar lá depois de várias secções eu decidi de que não precisa mais, que pretendia ser homossexual. O que mostra, que, em algum momento ele acreditou estar doente’ Outro entrevistado disse:

“Minha mãe disse que isso um dia vai passar, é uma fase.”

Um homossexual que se dizia homossexual assumido. Diz estar curado, e já tem uma família. Apesar de não estarmos a abordar sobre a questão da homossexualidade feminina, decide trazer para aqui o testemunho da Cármen Malawene , pois vi de que é de grande relevância e nos vai elucidar sobre a “possível cura” da homossexualidade.

Lembro-me de anos e anos que eu orava e pedia (de boca para fora) que se Deus não gostasse que eu fosse homossexual que tirasse de mim! Digo de boca para fora porque no coração de verdade eu estava cómoda no ânimo que a minha relação homossexual me dava! E ia orando. Deus ouvia mas Ele sabia que as minhas palavras não passavam de palavras de vento, sem vontade nenhuma. Vivi assim por muito tempo! Resistia ao chamado pela santidade, andei na escuridão, perdida no mundo imundo e perverso da homossexualidade. Fechei os meus ouvidos e mantive o coração de pedra apegado aos prazeres carnavais.

Deus na sua paciência esperou e, mandou Seu Filho que descesse a terra e, Este falou com toda a clareza que ser homossexual não é coisa de Deus mas sim do diabo, que mistura a mentira no meio de uma grande verdade e faz-nos viver na escuridão! Quando eu mantinha vida de homossexual andava em grandes verdades; amava a alguém com todo o meu coração, era fiel, carinhosa, atenciosa, cuidadosa, ajudante, apaixonada por essa pessoa!

Mas havia uma mentira maior que tudo isto que mantinha-me como prisioneira do diabo; essa pessoa era do mesmo sexo que eu! Neste período eu tomei o Livro Sagrado parcialmente, apeguei-me ao que me confortava e ignorei partes que não me favoreciam. Na Bíblia diz que "Nenhum homem se deitará com outro como se fosse 1 mulher" - eu ignorei e FIZ DEUS CHORAR pois eu, Sua ovelha estava perdida num mundo de luzes falsas. Hoje, pela Sua

graça e misericórdia, fui resgatada! Nada mais quero do que ter santidade. Este é o meu testemunho! Glórias ao PAI...

Se cientistas defendem de que não é possível curar a homossexualidade, uma vez homossexual, homossexual para toda vida. Como podemos assumir estas posições de possíveis curas da homossexualidade? Podemos considerar a homossexualidade, alguma doença, algum distúrbio mental, uma patologia? Vários são os questionamentos para os quais até os dias de hoje não encontramos uma resposta definitiva, pois varias teorias são criadas e em alguns casos comprovados, mais logo de imediato, surgem novas teorias, que ao depararmos com as evidências também nos levam a crer de que a nova teoria é valida.

5.Considerações Finais

Do seguinte trabalho pode-se concluir que: Os homossexuais são portadores de uma identidade estigmatizada. Falar da homossexualidade no contexto Moçambicano especificamente na cidade de Maputo é um assunto que ainda levanta muita polémica. Apesar de este fenómeno não ser novo. Pois este fenómeno vem sendo praticada á muito tempo, e se apresenta de varias maneiras, com nomes e objectivos diferentes.

Existem grupos sociais onde as práticas homossexuais são muito frequentes, mais na maioria dos casos, esse assunto não é levado em conta, é sim tido como uma forma de manutenção do equilíbrio da sociedade.

Não existe um caminho homogéneo, pois cada individuo, é influenciado pelo meio em que foi criado. Portanto não há anomalia na existência dos homossexuais, são pessoas normais como qualquer outro ser humano.

Até hoje, por mais que se pesquise, os cientistas ainda não chegaram a uma conclusão definitiva para explicar a origem do homossexualismo. As teorias que tentaram explicar as causas da tendência homossexual por razões biológicas, genéticas, glandulares, psicológicas, sociais, todas são insuficientes e, muitas vezes, contraditórias entre si.

O homossexual é tão normal como os demais cidadão, que as causas da homossexualidade são as mesmas da heterossexualidade, já que entre os humanos não é o instinto que determina a atracção sexual, mas a preferência individual. A homossexualidade, só ganha sentido, na medida em que se inventou a heterossexualidade.

A homossexualidade, têm a ver com a forma como a pessoa se percebe e é percebida pelos outros no seu meio. É uma questão de identidade pessoal e social. Ninguém nasce homossexual, mas, torna-se homem, mulher, homossexual.

Para compreender-mos, o processo da auto-afirmação da homossexualidade é importante conhecermos as normas e o comportamento dos indivíduos do sexo masculino e feminino de cada sociedade e o contexto em que os mesmos se inserem. Visto que, todo o comportamento humano é produto do contexto cultural, e social, o “problema” não está nestas pessoas, mas nas restrições e nas categorizações que a sociedade impõe.

A escolha da orientação sexual do individuo, depende da inserção do mesmo em um determinado contexto, e não das imposições impostas pela sociedade, tais como os rótulos

que tentam definir se o indivíduo é heterossexual, homossexual ou bissexual. A sexualidade humana é um fenómeno complexo. E as expectativas que a sociedade cria em torno da sexualidade, são as que fazem com que os homossexuais adoptem estratégias para” gerirem” a sua homossexualidade.

O preconceito pela homossexualidade existe, e nem sempre é percebida como tal. Pelo facto da sociedade não entender como um indivíduo pode optar por está orientação sexual, faz com que, com “medo” de ser estigmatizado o homossexual, cria varias estratégias de se auto firmarem e assumir a sua orientação sexual.

Há diversos estudos sobre homossexualidade, mas o que realmente ela significa é ainda uma incógnita. A pesquisa sobre a homossexualidade só começou, pois não foi possível sequer abarcar 5% na análise deste tema. Há uma necessidade de se fazer estudos mais pormenorizados para trazer um maior contributo.

6. Referências bibliográficas

Almeida, Miguel Vale. (1996) – Género, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Arthur, Maria José. (2004) Homossexualidade e Direitos Humanos. Maputo: Revista Outras Vozes, nº 6.

Bagnol, A, Brigitte. (1996). Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos.

Bento, B. (2004) Da homofobia à diversidade. Assessoria de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_xvenabrapso/81.%20contribui%C7%D5es%20da%20psicologia%20de%20mart%CDn-bar%D3%20para%20o%20entendimento%20da%20viol%C4ncias%20contra%20os%20grupos%20sociais%20de%20su.pdf. (Consultado aos 1 de Setembro de 2012)

Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria.

Carneiro, N. S. (2003). Palavras em jeito de medo: Expressões linguístico-identitárias da homofobia. Lisboa

Carneiro, Nunes Santos & menezes, Isabel. (2006). “Do anel à aliança”: Sentido dos iguais e emancipação pessoal na psicologia das sexualidades. Revista Crítica de Ciências Sociais, p.73-89.

Chiconela, Arsénio Tomás. (2011). A homossexualidade em moçambique: A Homossexualidade e Adopção Direitos Humanos e Direito da Família. Maputo.

Davison, Gerald C. (1991), “Constructionism and Morality in Therapy for Homosexuality”, in John Gonsiorek; Janes Weinrich (orgs.), Homosexuality: Research Implications for Public Policy. Newbury Park: Sage Publications, 137-148.

Foucault, Michel (1988). História da Sexualidade 1: A vontade de saber. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Fry, Peter e Macrea, Edward. (1983). O que é Homossexualidade. 7ª Edição. São Paulo. Editora Brasiliense.

Guillebaud, J. C. (1999). *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000192&pid=S0100858720100001000400011&lng=pt. (Consultado aos 20 de Outubro de 2012)

Goffman, Erving. (1975). *A representação do eu na vida quotidiana*. 6ª Edição. São Paulo: Zahar Editores, 1975.

Goffman, Erving. (1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4a ed. Rio de Janeiro, Guanabara.

Kuhner, Helena. 4 Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Infopedia. Enciclopédia e Dicionário Porto Editora (2012). Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$interacao-social](http://www.infopedia.pt/$interacao-social). (Consultado aos 4 de Novembro de 2012).

Jardim, Dulcilene Pereira e Bretas, José Roberto da Silva. (2006). *Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira*. Revista Pesquisa Brasileira de Enfermagem. São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>. (Consultado aos 30 de Maio de 2012).

Junqueira, Rogerio Diniz. (2009). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas (Coleção Educação para todos.)* Ministério da Educação. Brasília.

Lacerda et all. (2002). *Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva de representações sociais*. João Pessoa: Psicologia, Reflexão e Crítica N. 15, Vol. 1, pp. 165-178.

Manual do multiplicador (1996) disponível em: Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10_09.pdf. consultado ao 16 de Novembro de 2012.

Timbane, António Martins, & Manhice, Estevão Artur, (2012). *Expressões da Homossexualidade em Maputo*. In *Estudos Homossexuais*. Vol I . Editado por Sandra manuel.

Mormont, Christian (2003). *Revista Electrónica de Psicologia*. NO.3, Curitiba. Disponível em: <www.utp.br/psico.utp.online/site3/transexualismo.pdf> Acesso: 10/01/2010.

Mott, Luiz. (2003). Homossexualidade: Mitos e Verdades. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.

Natividade, Marcelo. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas* Rev. bras. Ci. Soc. Vol.21 no.61 São Paulo June 2006. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000200006&script=sci_arttext

Osório, Maria da Conceição (2004). Mulher e Poder. Maputo: UEM/UFICS - Relatório de investigação.

Pais, José Machado (2004). Jovem e cidadania. Consultado ao 26 de Novembro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf>

Pais, José Machado, Blass, Leila Maria da Silva (2004), Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Perlin, G. D. B. (1999). Género, multissexualíssimo e Constituições Familiares contemporâneas: desafio para uma actuação ética.

Pelucio, Larissa Maués – Revista Antropológicas, ano 8, volume 15(1): 123-154, 2004. Disponível em: [http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume15\(1\)/Artigo%205.pdf](http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume15(1)/Artigo%205.pdf) Acesso: 10/01/2012.

Pecheny, Mario. (2004) Identidades discretas. In: Rios, Luís Felipe et all (orgs.). Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA. p. 17–33.

Roseneil, Sasha. (2006) - Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise queer das relações pessoais no século XXI. Revista Crítica de Ciências Sociais, 76, Dezembro, p.33-51.

Sanders, G. L. (1994) O amor que ousa declarar seu nome: Do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: Imber-Black, E. Os segredos na família e na terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas. Cap. 12, p. 219-244.

Silva, Danilo, (2013). Jornal da comunidade LGBT Mocambicana: in Core. Edição 11a. Maputo.

Spargo, Tamsin. (2006). Foucault e a teoria queer. Rio de Janeiro: Pazulin/Juiz de Fora: Ed. UFJF.

Spencer, Colin. (1999). *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record.

Weeks, Jeffrey. (1999). "O corpo e a sexualidade" In louro, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 35-82.